



QUEBRA DE PADRÕES DE GÊNERO: UMA POSSIBILIDADE DO ENSINO DA LITERATURA A PARTIR DO CONTO SAPATOS DE TACÃO ALTO, DE MIA COUTO.

Jessé Ricardo Stori de Lara*¹
Giuly Any Dias Martins*²
Rodrigo Freitas C. de Oliveira³
Ana Maria Calixto⁴

Eixo Temático: Educação e diferenças

Introdução

Este trabalho vem apresentar um modo possível de retratar o conto “Sapatos de tacão alto”, de Mia Couto, em sala de aula. Na narrativa supracitada são abordadas e ganham destaque questões acerca de estereótipos de gênero e, por sua vez, atitudes desviantes dos comportamentos preestabelecidos pela heteronormatividade. A palavra *Queer* é passível de ser traduzida do inglês como ‘estranho’, ‘excêntrico’ e até mesmo ‘ridículo’, carregando uma carga de significado extremamente pejorativa. Apesar disso, para alguns grupos minoritários, esse termo passa, com o tempo, a representar algo como ‘estar fora de padrões normatizadores’ de gênero e sexualidade. Considerando a aproximação dessas reflexões à narrativa literária, lançaremos mão de algumas ideias da Teoria *Queer*, a fim de discutir sobre alguns questionamentos levantados no conto de Mia Couto, principalmente aqueles relacionados à ordem de gênero, como as ideias que definem o significado de ‘ser homem’, os estereótipos do masculino e o binarismo de homem/mulher. Aproxima-se, portanto, as noções de um ensino literário pelas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Paraná (2008)

1 “Graduando, UEPG, Letras Inglês/Português, PIBID, e-mail: jesselarastori@gmail.com”.

2 “Graduanda, UEPG, Letras Inglês/Português, PIBID, e-mail: giuly.any7@gmail.com”.

3 “Graduando, UEPG, Letras Inglês/Português, e-mail: dido.freitas@outlook.com”.

4 “Professora da rede estadual de educação básica do Paraná, e-mail anabakanna@hotmail.com”.



Objetivo

A partir das considerações de Carrieri e Souza (p.64, 2010), “a ideologia do pensamento *Queer* emerge com uma preocupação de que ainda é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino”. A literatura, enquanto ferramenta que, segundo as diretrizes (PARANÁ, p.77, 2008), é uma prática complementar e diferenciada, constituindo “forte influxo capaz de fazer aprimorar o pensamento”, torna-se portanto prática discursiva e social. Objetiva-se, portanto, uma reavaliação dos pressupostos mencionados a partir do viés literário.

Referencial teórico

Em sua obra intitulada “Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud” (1996), Laqueur afirma que a binariedade entre os sexos masculino e o feminino não era fortemente concebida na sociedade ocidental até o século XVIII, fazendo-se presente a ideia do que ele denomina *one-sex-model*, ou seja, de que ocidente, até o século XVIII, valorizou a existência de apenas um sexo, o masculino. Dentro dessa classificação, persistia uma ideia de hierarquia corporal, na qual o corpo masculino tomava posição no topo, enquanto o corpo feminino era tratado como inferior, um “homem invertido”, ou “castrado”, como sugeriu Freud.

Desse modo, antes mesmo da ideia de um binário sexual homem/mulher, em um momento de *one-sex-model*, a diferença entre os corpos masculino e feminino era percebida, sendo utilizada para impor uma posição inferior ao feminino, enquanto permitia uma posição de poder ao masculino. A partir do século XIX e XX, a ideia binária sexual já estava instaurada e carregava junto com a binariedade de gênero, imposições morais e sociais. A diferenciação dos gêneros passou a servir ao mesmo ideal que a ideia do *one-sex-model* serviu um dia: o de inferiorizar um gênero, ou até mesmo um corpo, em favor de outro. Sendo assim, “se o ‘sexo’ é tão culturalmente construído quanto gênero, talvez o sexo tenha sido sempre gênero, de maneira que a distinção sexo/gênero não é na verdade distinção alguma” (BUTLER, 1999 apud SALIH, 2015, p.71)



Entendemos, desta forma, gênero como um construto social e cultural que reflete performances de masculinidades e feminilidades. Assim, na condição de um construto, a ideia de gênero é variável em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Trazemos esta reflexão porque “pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações entre os sujeitos.” (LOURO, 1997, p. 22).

Metodologia

Partimos dos pressupostos teóricos apresentados por Bordini e Aguiar (1993 apud PARANÁ, 2008) a respeito do método recepcional. A proposta das autoras consiste em cinco etapas.

Na primeira, a determinação do horizonte de expectativas do aluno/leitor, onde “pode-se analisar os interesses e o nível de leitura, a partir de discussões de textos, visitas à biblioteca, exposições de livros, etc”.

Na segunda, o atendimento ao horizonte de expectativas, “o professor Língua Portuguesa apresenta textos que sejam próximos ao conhecimento de mundo e às experiências de leitura dos alunos”.

Em seguida, a ruptura do horizonte de expectativas, “é o momento de mostrar ao leitor que nem sempre determinada leitura é o que ele espera, suas certezas podem ser abaladas”. Vale notar que as duas etapas anteriores se devem a escolha dos textos a serem utilizados.

Após isso, direciona-se à um questionamento do horizonte de expectativas, uma autoavaliação a partir dos textos lidos. “O aluno deverá perceber que os textos oferecidos na etapa anterior trouxeram-lhe mais dificuldades de leitura, porém, garantiram-lhe mais conhecimento, o que o ajudou a ampliar seus horizontes.”

A última etapa é a ampliação do horizonte de expectativas. “As leituras oferecidas ao aluno e o trabalho efetuado a partir delas possibilitam uma reflexão e uma tomada de consciência das mudanças e das aquisições, levando-o a uma ampliação de seus conhecimentos.”



Análise de dados

No conto “Sapatos de tacão alto”, alto de Mia Couto (2013), o narrador nos apresenta uma história ocorrida em sua infância, em um bairro onde nada de mais acontecia. Nesse bairro pacato e comum, a única pessoa que parecia ser, de algum modo, intrigante, era seu vizinho, Zé Paulão, “homem graúdo, barbalhudo, voz de trovoada” (COUTO, 2013, s/p). Vizinho este que já havia sido casado, mas que sua esposa fugira e, após isso, passou a ser um homem solitário. Era o que se pensava nas redondezas.

Todavia, a família do narrador conhecia um grande segredo, pois da casa era possível, de vez em quando, ver roupas femininas estendidas no varal; também ouvia-se, à noite, passos femininos, de salto alto, batendo no chão. Ninguém nunca havia visto essa misteriosa mulher que visitava Paulão, sendo assim, o narrador, em seus sonhos de infância, fantasiava que esta seria a mais bela mulher, mesmo que as más línguas de sua família apostassem que “consistiria em dona alta, muito mais alta que o Paulão” ou ainda que “os passos pareciam antes de uma gorda”. (COUTO, 2013, s/p). Certa noite, enquanto brincava, o menino adentra a varanda do vizinho Zé Paulão. A luz de dentro da casa acabava de se acender e ouve-se os saltos batendo no chão. O menino espreita e observa aquela mulher que tanto fantasiou de costas. Quando a misteriosa mulher se vira, a surpresa: se trata de Zé Paulão, travestido. Novamente em casa, o menino conta para a mãe sobre “o falecimento de incerta moça que eu amara muito” (COUTO, 2013, s/p). E a mãe, sabendo de coisas que somente as mães sabem, diz ao filho que no outro dia ele iria mudar de quarto, assim nunca mais iria ouvir os sapatos.

O conto consiste numa poderosa quebra de expectativas gerada pela própria trama narrativa. Pode-se, portanto, relacioná-lo as expectativas do ensino literário a partir das Diretrizes curriculares de Língua Portuguesa (2008).

Resultados esperados

Espera-se, a partir das considerações de Bordini e Aguiar (1993), “que sejam efetuadas leituras compreensivas e críticas com os alunos”, reavaliando a leitura de outros



textos e a leitura que se faz do outro (sujeito), “questionando as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural” (PARANÁ, p. 74, 2008). “Transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. Alcançar esses objetivos é essencial para o sucesso das atividades” (PARANÁ, p. 74, 2008).

Palavras-chave: *Queer*. Ensino. Literatura. Mia Couto.

Referências

CANTARIN, Márcio Matiassi. Mia Couto: beligerâncias e transgressões na fronteira dos gêneros. **Terra Roxa e outras terras: Revista de estudos literários**. Londrina V. 18, p. 89-99, out. 2010. Disponível em: <goo.gl/H6ddXv> acesso em: 03 ago. 2017.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**. São Paulo: Boa Companhia. 2013

LAQUEAR, Thomas. **Inventando o sexo: sexo corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis V. 9, n. 2. p. 541-553, jul-dez. 2001. Disponível em: <goo.gl/4NbpYS>. Acesso em: 03 ago. 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.